



A Ciência e os telejornalistas de Campina Grande ¹

Mary Sandra Landim PINHEIRO ²

José Alberto da Nóbrega SIMPLÍCIO ³

Andreza Dantas ALBUQUERQUE ⁴

Cidoval Moraes de SOUSA ⁵

Resumo

A proposta deste trabalho é traçar um perfil dos telejornalistas de Campina Grande, quanto à compreensão que esses profissionais possuem de Ciência e Tecnologia e apontar a partir daí as causas que fazem com que a cobertura dessa temática seja reduzida nesse veículo de comunicação. A pesquisa foi desenvolvida com o auxílio de um questionário que avaliou os profissionais desde o trabalho à relação que eles tem com C & T. E apontamos como problemas para uma divulgação mais eficaz as relações de poder impostas pelos meios de Comunicação, a fragilidade dos currículos dos cursos de comunicação e a falta de empenho dos profissionais que não buscam se atualizar.

Palavras-chave: Comunicação Científica, Jornalistas, Percepção.

Introdução

O jornalista pela natureza de sua profissão, trabalha em seu cotidiano, com temas variados, que vão desde acidentes, buracos em ruas a matérias sobre meio ambiente, ciência e tecnologia. Ao escrever sobre diferentes temas, o profissional acaba se especializando em generalidades, e talvez a falta de especialização do profissional na divulgação de matérias de C & T acaba fazendo com que seja um desafio, particularmente, quando o assunto trata-se de divulgação científica.

¹ Trabalho proposto ao DT 1 evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação com o Tema central: Comunicação, cultura e juventude.

² Graduada em Comunicação Social pela UEPB - e-mail: mary_landim@yahoo.com.br

³ Especialização em mídia e assessoria de comunicação no Cesre i- e-mail: j.albertosimplicio@gmail.com

⁴ Graduada em Comunicação Social pela UEPB -e-mail: andreza.cgjp@gmail.com

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UEPB, e-mail: cidoval@gmail.com



Na grande mídia, os jornalistas atuam em editorias especializadas, mas na mídia regional as condições empresariais não permitem que haja distribuição de profissionais em editorias a não ser em assuntos pontuais, como esporte, polícia e política.

Fundamentação Teórica

No Brasil, temos como destaque algumas pesquisas que procuram analisar a percepção pública em relação à ciência e tecnologia. Na década de 1980, o Ministério de Ciência e Tecnologia e o CNPq, no trabalho: “O que o brasileiro pensa da ciência e da tecnologia? - A imagem da ciência e da tecnologia junto à população brasileira”, que fez uma avaliação da imagem que a população urbana brasileira tinha sobre o desenvolvimento científico-tecnológico do País e suas implicações na organização da sociedade.

Podemos assinalar também o estudo realizado em 2007 pelo Ministério de Ciência e Tecnologia, em parceria com a Academia Brasileira de Ciências, coordenada pelo DEPDI/SECIS/MCT e pelo Museu da Vida/COC/Fiocruz, com colaboração do Labjor/Unicamp e da FAPESP, intitulado “Percepção Pública da Ciência e Tecnologia”, nesse estudo foi diagnosticado que para 37% dos entrevistados a falta de interesse por C & T foi atribuída ao não entendimento do assunto.

Em âmbito paraibano algumas pesquisas sobre a divulgação científica nos meios de comunicação já foram realizadas, a exemplo de Coelho (2008), que fez uma avaliação dos portais de notícias mais acessados do estado e verificou que as notícias internacionais e nacionais se sobrepuseram as locais e com relação a essa cobertura a autora apontou como possíveis causas para a falta de divulgação no webjornalismo paraibano:

a falta de Assessorias de Imprensa nas instituições de fomento de ciência ou pela falha das assessorias que já existem em algumas instituições, ou ainda pela falta de especialização dos jornalistas que ao tratarem deste assunto não conseguem exercer com responsabilidade o papel de divulgador científico com todas as suas atribuições, como por exemplo, de educador social. (COELHO, 2008 p.34)

A mídia televisiva foi pesquisada por Feitosa (2008), onde a autora analisou os telejornais exibidos pelas emissoras Paraíba, Borborema e Itararé



nos meses outubro e novembro de 2007. A escolha desse período foi em devido a realização da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia e o Encontro de Iniciação Científica da Universidade Estadual da Paraíba, eventos que mobilizam estudantes e pesquisadores paraibanos. Como resultados ela pode perceber que as notícias de C & T aparecem de forma tímida ainda, em função do maior interesse por notícias factuais e àquelas que possuem interesse popular.

Os jornais impressos foram contemplados no trabalho de Oliveira (2008) a pesquisa identificou problemas conceituais, reducionistas e o autor também menciona a falta de preparo dos jornalistas que em função de visões preconceituosas acabam prejudicando uma comunicação científica eficaz. Ele detectou que falta nos jornais um caderno ou editoria exclusivos para C & T, então as informações dessas temáticas ficam localizadas em outras editorias como Cultura, Geral e Cidades.

Em reportagem veiculada na Revista Com Ciência, enfatiza a importância de como

Saber o que a população pensa ajuda, não apenas, a entender como se dá o complexo processo de formação de opiniões e sua relação com a divulgação das informações, mas também na definição de políticas públicas para, por exemplo, incentivar uma maior participação popular, divulgação científica e criação de fóruns de discussão com a sociedade sobre questões polêmicas e com riscos potenciais da ciência e tecnologia. (Caldas, 2008, p.1)

Nesse estudo apresentado nesse artigo analisamos de forma pioneira os profissionais que atuam na mídia televisiva.

A pesquisa

O trabalho “A Ciência e os telejornalistas de Campina Grande” é uma pesquisa de natureza exploratória, que fez uso de questionário semi-estruturado, visando obter a percepção dos entrevistados sobre o tema ciência e tecnologia.

As entrevistas foram aplicadas com 43 jornalistas, sendo dez da TV Borborema (afiliada do SBT), cinco da Correio (Record), 15 da Itararé (Cultura) e 13 da Paraíba (Globo), entre os dias 05 de abril ao dia 28 de maio de 2008. Foram entrevistados repórteres, produtores e editores das quatro emissoras de TV que tem sede instalada em Campina Grande.



Para isso foi desenvolvido um questionário com o auxílio da metodologia aplicada por ALMEIDA (2007), em seu livro *A Cabeça do Brasileiro*, o autor analisou a percepção dos brasileiros sobre o tão comum “jeitinho brasileiro”, que acontece em atitudes diárias, como as relações de poder e dinheiro. Através da Pesquisa Social Brasileira é feito um levantamento dos valores que estão presentes no cotidiano social, econômico e político nacional, onde foi verificado que a educação está relacionado diretamente com valores sociais mais sólidos.

Na pesquisa **A ciência percebida pelos telejornalistas de Campina Grande**, obtivemos que de certa forma há uma equidade quanto à distribuição por sexo, já que são 22 mulheres e 21 homens . Com relação a idade há uma predominância dos profissionais acima de 35 anos (39,53%), os que encontram-se entre 20 a 25 anos e 25 a 30 anos representam (23,26%) cada faixa etária e àqueles que estão compreendidos entre 30 e 35 anos correspondem a (13,95%). Dos 17 profissionais que estão configurados na maior faixa etária, 12 deles tem acima de 20 anos de experiência profissional o que representa uma larga experiência profissional em produzir, fazer e editar reportagens.

Quanto à escolaridade, (51,16%) possui o ensino superior completo , (41,86 %) fizeram alguma especialização e (6,98%). Quanto à formação apenas 1 dos entrevistados não tem formação em Comunicação e sim em Direito, quando falamos em formação incluímos qualquer vinculação a universidade, pois os três que ainda não possuem nível superior completo possuem vínculos com o curso de Comunicação.

Dos 43 entrevistados, 23 mantém alguma atividade paralela a realizada na emissora, o que configura uma necessidade de complementar a renda mensal que para (65,1%) varia entre 3 e 5 salários mínimos, (18,6%) recebem entre 6 e 10 salários, (11,6%) até 2 salários mínimos e (4,7%) mais de 10 salários mínimos. Vale salientar que nesse período o salário mínimo era corresponde a R\$ 465,00.

Quanto ao tempo de profissão, 14 jornalistas tem entre um e cinco anos de trabalho, em segundo lugar (11) estão àqueles que tem mais de vinte e um anos de atividades, em terceiro (9), de seis a dez anos e com (6) de onze a



vinte anos e por último com (3) àqueles que tem menos de um anos de atividade profissional.

Já ao verificar o regime de trabalho. 41 possuem carteira assinada, dos 23 que mantêm mais de um vínculo empregatício, um temporário, um informal e três por conta própria. Sendo em outros locais de trabalho, por isso o resultado não soma o total de 43 profissionais.

A maioria dos jornalistas reside em casa própria (46,5%), em casa alugada são (27,9%), já os que moram com os pais corresponde a (23,3%) e (2,3%) menciona a casa de familiares.

Como forma de deslocamento para o trabalho, o veículo próprio é apontado por vinte e sete deles como a forma mais utilizada, dez vão de transporte coletivo, três à pé e com duas menções/ cada estão àqueles que vão em carros de amigos, veículos de familiares e no carro da empresa.

No que se refere às horas de trabalho, (34,9%) mencionaram que trabalham 40 horas semanais, (30,2%) trabalham trinta horas semanais, (27,9%) atuam em 60 horas e por último com (2,3%)/ cada estão àqueles que desempenham as atividades em 36, 48 e 50 horas.

Uma avaliação com relação ao trabalho foi feita a partir da avaliação em alguns aspectos: Primeiramente, foi avaliada a opinião quanto à escolha profissional, onde (88,37%) dizem que fizeram a escolha certa, tanto os que acreditam que desejam mudar quanto os que mencionaram que o trabalho em televisão foi o que apareceu estão com (4,65%)/ cada, já (2,33%) não tem certeza da escolha que fizeram.

Em seguida a satisfação foi avaliada e (88,4%) dizem estar satisfeitos com a profissão, já (9,3%) estão pouco satisfeitos e para a parcela que corresponde a (2,3%) estão os que se dizem indiferentes.

Também foi feita uma averiguação quanto à forma como o jornalista se sentia no trabalho. (51%) sentem-se reconhecidos pela empresa, (30%) citam que nem uma coisa nem outra, ou seja, nem reconhecidos nem indiferentes, enquanto (7%) mostram-se indiferentes.

Os entrevistados poderiam optar por mais de uma área de jornalismo que mais agradasse, as mais mencionadas foram Cultura e Cotidiano com vinte e quatro menções, o meio ambiente foi apontado por dezessete profissionais e a área policial, esportiva e de C & T, foram citadas por onze deles. Todos acreditam trabalhar na área que mais lhes agrada.



Na pesquisa também foram avaliadas quais as características que o fato precisaria ter para ser considerado notícia. Para os entrevistados foi verificado que o interesse público foi a característica mais mencionada com treze citações, em segundo lugar com doze menções está que ele deve ser verdadeiro, e mencionado por seis vezes estão, atualidade e despertar interesse. Também foram mencionados pelos entrevistados, a proximidade, relevância para a sociedade, interesse coletivo, repercussão, outras características também foram mencionadas.

Sobre o entendimento de C & T enquanto notícia, (58 %) dos entrevistados acreditam que para ser notícia o fato deve ser uma descoberta ou invenção, enquanto (42%) acreditam o assunto sempre é notícia. Em um outro questionamento sobre Ciência e Tecnologia foram mencionadas como sendo tratadas como: restritas a academia por um dos entrevistados, a menção que consta que os jornalistas dificultam a compreensão pública da ciência foi mencionada três vezes, já a falta de cultura científica dos jornalistas foi citada por 23 profissionais e 27 jornalistas acreditam que a divulgação de C & T é dificultada pelos termos técnicos.

A concepção de ciência é apresentada pelos profissionais da seguinte forma: (23%) crêem que a ciência produz verdades sobre o mundo natural, já (33%) acreditam que a ciência é uma forma confiável de racionalidade e 19 (44%) vêem a ciência como uma atividade humana interessada.

Quando perguntados por uma concepção própria do que é ciência percebe-se que os jornalistas têm respostas que na maioria dos casos se assemelham, elas estão basicamente situadas em quatro grandes grupos.

Para uma melhor exposição desses resultados, optamos por dividi-los dessa forma: Compreensão do mundo natural (abrange a natureza e o desenvolvimento da humanidade), como cita um dos entrevistados “Estudos que tentam explicar através de teorias o cotidiano do ser humano.”, a Investigação (pesquisas e desenvolvimento baseados nelas), “ciência refere-se a um sistema de adquirir conhecimento baseado no método científico, assim como ao corpo organizado de conhecimento conseguido através de tal pesquisa. Evolução (evolução da sociedade e das pesquisas), para um deles: “É conhecimento sobre coisas naturais e artificiais, explicando, desde sua origem até a sua evolução.” Benefícios da Sociedade (o que a ciência traz de benefícios para o ser humano), como foi afirmado por um dos profissionais que



responderam ao questionário “É uma vertente de estudo que tem como finalidade facilitar a vida social, quer seja na área de educação, saúde e lazer.” Importante (a importância que ela traz para a humanidade).” Primordial, eu não vivo sem a ciência”.

Com (46,5%) a ciência é apontada como sendo o que eles mais confiam, seguido da religião (29,9%), o senso comum (14,0%), para (2,3%) a união fé e ciência e com (2,3%) cada estão, um pouco de cada uma das mencionadas, divino mais ciência, cotidiano/vivências, divino, verdades bíblicas e a própria investigação.

Quando a pergunta foi se lembravam de algum cientista brasileiro (60,5%), dizem não lembrar, (23,3 %), lembram de Oswaldo Cruz, quatro (9,3%), falaram em Carlos Chagas e com uma menção cada (2,3%/ cada), foram mencionados Santos Dumont, Fernando Henrique Cardoso e César Lattes.

Já os cientistas paraibanos (51,2%) falam que não conhecem nenhum pesquisador, os pesquisadores Napoleão Beltrão (Embrapa) e Cidival Morais (Comunicação), ambos são mencionados por cinco jornalistas (11,6% / cada), Kepler França (Engenharia Química) e Celso Furtado (Economia), são citados por três jornalistas, (7,0%/ cada), e os pesquisadores Kyller Gorgônio (Ciências da computação), Lynaldo Cavalcanti (Engenharia Civil- Ex- Presidente CNPq) e Fernando Millani (Comunicação) - (2,3%/ cada).

A relação com grupos de pesquisa não é muito próxima, já que (90,8%), não visitaram nenhum grupo de pesquisa, recentemente, o INSA, Fundação Parque Tecnológico e o Simpósio de Desertificação e o Laboratório de Tecnologia- UFCG, ambos foram citados por um entrevistado, correspondendo percentualmente a 2,3%/ cada.

Quanto ao contato com pesquisadores, (53,5%) mencionam não ter tido contato com nenhum pesquisador, recentemente, três tiveram contato com Napoleão Beltrão da EMBRAPA o que corresponde a (7,0%), dois tiveram contato citaram ter tido contato com os pesquisadores Kepler França e Luiz Custódio (Comunicação Social), ambos com (4,7%), e com (2,3%). cada estão Fábio Machado (Cientista Político), Isabel Fontagland (Economista), Bernardo (o entrevistado não soube o sobrenome e o assinalou apenas com meteorologista), e Paulo Nobre (INPE- Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais).



Ao serem perguntados se acessavam portais de notícias sobre o assunto dos 43, foram 16 menções para àqueles que não acessaram nenhum portal, outros 16 assinalaram que acessam o portal do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), sete profissionais citaram o MCT (Ministério de Ciência e Tecnologia), cinco o CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), com duas menções / cada, estão a EMBRAPA, UFCG (Universidade Federal de Campina Grande) e Fundação Parque Tecnológico, com uma citação, estão o RETEC (Rede de Tecnologia), Jornalismo Científico, edições online das revistas Galileu e Superinteressante, Fapesq- PB (Fundação de Apoio a pesquisa do Estado da Paraíba), e com uma citação também um deles justificou que por não trabalhar na área, não acessa portais.

Para 28 telejornalistas a sugestão/ provocação para fazer matérias sobre a temática tem as assessorias de imprensa como principais motivadoras da veiculação das reportagens, seguindo-se das notícias veiculadas a outros meios com dez, contato com instituição e/ou pesquisadores, a produção da emissora é mencionada cinco vezes e com uma menção cada, estão a curiosidade e outro fala que não produz notícias desse tipo.

51% dos profissionais acreditam que há mercado para o Jornalismo Científico no estado, já 30% crêem que em termos, enquanto 19% dizem que não há espaço para esse tipo de prática jornalística.

A opinião dos profissionais de TV, em Campina Grande sobre a preparação deles em fazer uma matéria sobre ciência. 18 jornalistas (41,9%) se dizem preparados em termos para fazer uma matéria dessa natureza, como respostas a maioria deles diz que os termos técnicos e o tempo para cumprirem determinada matéria são fatores que inviabilizam. 17 (39,5%) acreditam que estão preparados como justificativa para isso, eles citam que a experiência, investigação e interesse fazem com que o jornalista faça matérias de qualquer tipo, e oito (18,6%), acreditam não estar preparados para desenvolver matérias desse tipo, isso se deve a falta de conhecimento e de aperfeiçoamento que deveria ter sido obtido na universidade.

Perfil do telejornalista de Campina Grande



Com a aplicação dos questionários foi obtido um perfil do profissional que atua em TV em Campina Grande e a sua relação com a divulgação científica.

Aqui está traçado o perfil desses jornalistas. Em sua maioria as mulheres ocupam postos de trabalho, possuem mais de 35 anos de idade, nível superior completo, mantêm outro vínculo empregatício, na maioria dos casos em emissoras de rádio.

Possuem entre um e cinco anos de profissão, como principal forma de contratação estão àqueles que têm a carteira assinada, a renda mensal está compreendida entre três e cinco salários mínimos, o que corresponde à faixa de 1.395,00 a 2.325,00 reais.

Grande parte dos jornalistas reside em casa própria, se deslocam para o trabalho em veículos próprios, trabalham 40 horas semanais, folgam a cada 15 dias. Acreditam ter feito a escolha profissional certa, estão satisfeitos no trabalho, nenhum deles mencionou estar insatisfeito. Sentem-se reconhecidos pela empresa, continuam motivados, assim como acontecia no início da atividade profissional, nenhum deles mencionou estar desmotivado.

As áreas do jornalismo que mais agradam são cultura e cotidiano, Ciência e Tecnologia foram citadas em quarto lugar juntamente com Esporte e Policial, todos afirmam trabalhar na área que mais lhes agradam

Como principal característica para ser transformado em notícia, o fato precisa ser de interesse público.

Quando a percepção de Ciência e Tecnologia, elas só são consideradas notícia quando se tratam de uma descoberta ou invenção, nenhum mencionou que elas não interessam como fato noticioso. O principal obstáculo para a divulgação científica é a dificuldade imposta pelos termos técnicos utilizados pelos cientistas. Eles acreditam que a ciência é uma atividade humana interessada.

Os profissionais confiam mais na ciência, e mesmo assim a maioria não lembra de nenhum cientista brasileiro, assim como também não recordam nenhum pesquisador paraibano de destaque.

As relações de emprego, o salário, a moradia, podem influenciar no resultado final de várias atividades que envolvem o esforço físico, e porque não dizer na atividade jornalística que além do físico envolve o mental , e nesse



que mencionamos a Ciência e Tecnologia, temáticas tidas como de difícil compreensão pelos profissionais que produzem e divulgam a informação.

Para ser tido como notícia para TV, os telejornalistas acreditam que isso ocorre somente quando descoberta ou/e invenção, para os 42 % é sempre notícia e porque não vemos diariamente estampados na TV regional tais temáticas? Os profissionais acreditam que não estão preparados, em sua maioria atribuem a falta de divulgação aos termos técnicos e a falta de cultura científica que ele tem, fatos que inviabilizam uma divulgação científica eficaz. Afinal, se o produtor da informação não compreende, como pode explicar de forma acessível?

A maioria dos jornalistas acredita que ciência é uma atividade interessada, então se ela tem interesses próprios, divulgá-la configura-se como uma forma de propagar esses interesses e não como uma ferramenta de popularização do conhecimento.

Já com relação à compreensão do que é ciência para cada jornalista, para extrair essas variáveis subdividimos em grupos que tinham a relação mais próxima com um sistema classificatório que traçamos, obtivemos com 19 menções (44, 2%) àquelas que estão vinculadas aos benefícios que elas podem trazer à sociedade, caracterizando o entendimento que os jornalistas têm voltados a compreender a ciência quando ela está relacionada a beneficiar a humanidade, seguido dessa resposta 18 (41,9%) crêem na ciência como objeto de investigação, que é a ciência como uma forma exploratória de classificação e análise dos resultados, em seguida com cinco (11,6%) como uma forma de evolução que está associada ao desenvolvimento da humanidade e um (2,3%) pensa a ciência como algum essencial em sua vida.

A maioria dos jornalistas tem entre um e cinco anos de atividade profissional percebe-se que para dez deles (71,43%) C & T é notícia quando se trata de uma descoberta ou invenção e os quatro (28,57) restantes é sempre notícia. Nove deles não lembram de nenhum cientista brasileiro e dos demais três falam em Oswaldo Cruz, um em Santos Dumont e um em Fernando Henrique Cardoso.

Dos 57,15% dos profissionais que estão classificados nessa variável não acessam portais relacionados a C & T, com o mesmo percentual estão àqueles que colocam as assessorias como o principal meio de sugestão/ provocação para que as matérias aconteçam.



Entre os citados pelos jornalistas como os mais conhecidos, estão com 11,6%/ cada, Cidoval Moraes que é mencionado em função dos trabalhos desenvolvidos na temática da mídia regional, além de ter atuado por mais de 15 anos na imprensa da cidade, em seguida o pesquisador Napoleão Beltrão da EMBRAPA, instituição que tem ampliado as pesquisas relacionadas ao aprimoramento do algodão colorido e sisal, assuntos que estão voltados para o meio ambiente, assunto de bastante interesse, em função da preocupação nesse aspecto dada pela mídia atualmente.

Com sete por cento, estão primeiramente o pesquisador da área de Engenharia Química da UFCG (Universidade Federal de Campina Grande) Kepler França, que estuda os processos de dessalinização, temática sempre em alta para as reportagens, tendo em vista a preocupação com cenário árido da Paraíba e essa alternativa como uma solução para esse problema, em seguida com o mesmo percentual está Celso Furtado, um estudioso da área econômica.

Esses profissionais que estão em maior evidência, são tidos como “conhecidos pela mídia”, lógico que em função de suas contribuições, mas quantos estão enclausurados em seus laboratórios ou em campo e não são mencionados pela imprensa? Acredito que o fator primordial que os faz notados está relacionado no caso de Kepler França e Napoleão Beltrão ao peso das instituições e ao auxílio das assessorias desses órgãos governamentais, já no que diz a Cidoval Moraes, além da contribuição com temáticas dessa área, também ao período que esteve na imprensa da cidade, já Celso Furtado, a sua grande contribuição em âmbito nacional.

Outro fator a ser citado quanto a esses nomes é que os dois primeiros fazem parte do âmbito científico e tecnológico, enquanto os demais são da área comunicacional e econômica, mostrando o desconhecimento dos jornalistas quanto à relação da temática das pesquisas e dos seus realizadores.

Outra preocupação que encontramos nos resultados são a participação dos jornalistas em grupos de pesquisa e àqueles que acreditam participar desses grupos apenas uma das citações refere-se realmente a um grupo de pesquisa que é o Laboratório de Tecnologia da UFCG (Universidade Federal de Campina Grande), os demais citaram o INSA (Instituto Nacional do Semiárido) que embora seja um instituição que desenvolve atividades, não



pode ser caracterizada como um grupo, a Fundação Parque Tecnológico é uma instituição de fomento e incentivo a pesquisa e o Simpósio de Desertificação, é um evento que acontecia na cidade na época em que a pesquisa estava sendo desenvolvida.

Esses resultados mostram o desconhecimento que os profissionais mantêm quanto à pesquisa, onde eles atuam como participantes em discussões que são feitas em grupos de pesquisa. O contato com pesquisadores ocorre quando os profissionais desenvolvem reportagens, ou produzem matérias e também quando as editam também é tímido e há um desconhecimento da produção científica e tecnológica, os telejornalistas acreditam que pesquisas de qualquer ordem são de C & T. Somente cinco estão alinhados de acordo com a temática proposta no trabalho, destes, três citaram Napoleão Beltrão- pesquisador da Embrapa Algodão, um citou um meteorologista chamado Bernardo que ele não soube o sobrenome, e um outro falou Paulo Nobre do (INPE- Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), que estava na cidade participando de um evento acadêmico.

Isso prova o distanciamento crônico que o comunicador tem em relação a produção da ciência no Estado, contato essencial para a prática da atividade de comunicador e para a realização de um jornalismo científico eficaz.

Considerações Finais

O perfil apresentado no item anterior aponta para algumas problemáticas. O entendimento de C & T ainda é superficial e primário. Há um desconhecimento dos pesquisadores tanto em âmbito nacional e estadual. Três fatores se atravessam como preocupantes, o primeiro está relacionado as relações de poder que perpassam pelos meios de comunicação no Brasil; em segundo lugar está a fragilidade dos currículos e por último o empenho dos profissionais que não se atualizam.

A pesquisa apresentada nesse artigo traça a compreensão dos telejornalistas de Campina Grande com relação à Ciência e Tecnologia, e é a partir desse entendimento que percebemos que ainda é incipiente o interesse deles com relação a essas temáticas essa falta de interesse se deve a fatores que estão ligados também a formação do profissional, podemos mencionar o



exemplo da Universidade Estadual da Paraíba, a instituição não apresenta nenhuma disciplina voltada ao Jornalismo Científico.

Propomos com esse trabalho que no âmbito acadêmico, seja estimulado o interesse dos estudantes ainda na graduação, para que eles percebam a importância da C & T como parte estruturante da sociedade, porque somente quando os produtores de notícias perceberem e compreenderem o assunto é que será possível a divulgação científica e principalmente em televisão, que é um veículo que envolve imagens, sem elas é impossível que uma matéria vá ao ar. E para os profissionais seria interessante que fosse criado um curso de especialização para contornar esses problemas oriundos de uma formação inadequada.

Já que as assessorias estão configuradas como uma das principais motivadoras para a construção das reportagens, sugerimos que esses profissionais busquem estar aptos para servirem como elo entre os pesquisadores e a imprensa.

Por fim, deixamos claro que esse trabalho aponta o problema, cabe aos profissionais e a academia buscar estratégias para de alguma forma reverter essa situação que indica atraso na cobertura de notícias e mostra que a mídia é pautada pelas assessorias, a imprensa deve gerar notícias e não estar somente ligada ao que lhe é pautado, o exercício jornalístico é também a prática de pesquisas, afinal o telespectador merece assistir um material que lhe agrade o suficiente para ele não troque de canal.

Referências

ALMEIDA, Alberto Carlos. **A cabeça do Brasileiro**. Rio de Janeiro. Record, 2ª edição.,2007.

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. **Percepção Pública da Ciência e Tecnologia**. Brasília, 2006. Disponível em: <<http://www.uefs.br/antares/docs/mct.pdf>> último acesso em 18 de junho de 2009.

COELHO, K.S. Ciência na rede: uma experiência regional.In:Relatório Final de Apresentado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica- PIBIC/CNPQ/ UEPB. Campina Grande, 2008.



CHAGAS, A. T. R. **O questionário na pesquisa científica.** Disponível em:
http://www.fecap.br/adm_online/art11/anival.htm. Acessado em: 20/04/2009

CALDAS, C. **O público percebe a ciência e tecnologia como fontes de risco?**. Revista Com Ciência, número 104, dez 2008.

INSTITUTO GALLUP DE OPINIÃO PÚBLICA. **O que o brasileiro pensa da ciência e da tecnologia?**. Relatório de pesquisa. Brasília, 1987. Disponível em:<

http://www.fiocruz.br/museudavida_novo/media/1987_O_que_o_Brasileiro_Pensa_da_CT.pdf> acessado em 30/04/2009

LOBO, C. Brasil, O País das Desigualdades: Do Analfabetismo à Pesquisa de Ponta. In: **Investimentos em educação, ciência e tecnologia: o que pensam os jornalistas**. Disponível em: <
<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001375/137503por.pdf>>, acessado em 15/06/2009.

OLIVEIRA, J. ; SOUSA, C. M. . A Ciência na mídia impressa da Paraíba. In: XV Encontro de Iniciação Científica da UEPB, 2008, Campina Grande. XV Encontro de Iniciação Científica da UEPB - Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação. Campina Grande : EDUEP, 2008. v. Único.

SOUSA, C. M. de (Org.). **Jornalismo científico & desenvolvimento regional: estudos e experiências.** Campina Grande: EDUEP, 2008. Disponível em: <
<http://www.abjc.org.br/menus/Jornalismo%20Cient%EDfico%20e%20Desenvolvimento%20Regional%20livro%20Cidoval.pdf>> acessado em:15/05/2009

SOUZA, H. A. de & COSTA, L. R. F. de M. M. Meio ambiente e humor nas charges do jornal Correio da Paraíba. IN: SOUSA, C. M. de (Org.). **Jornalismo científico & desenvolvimento regional: estudos e experiências.** Campina Grande: EDUEP, 2008. Disponível em: <
<http://www.abjc.org.br/menus/Jornalismo%20Cient%EDfico%20e%20Desenvolvimento%20Regional%20livro%20Cidoval.pdf>> acessado em: 12/04/2009

VASCONCELOS, C. V. N. de & SILVA, O. M. T. da. Conexão ciência: jornalismo científico na tv? IN: SOUSA, C. M. de (Org.). **Jornalismo científico & desenvolvimento regional: estudos e experiências.** Campina Grande: EDUEP, 2008. Disponível em: <
<http://www.abjc.org.br/menus/Jornalismo%20Cient%EDfico%20e%20Desenvolvimento%20Regional%20livro%20Cidoval.pdf>> acessado em: **10/04/2009**